

FATOS E NOTAS

O PROBLEMA DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA NA ESQUADRA CABRALINA (*).

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

Instrutora de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Quando o Diretor do Departamento de História da Universidade de São Paulo referiu-se à promoção do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal apresentou-se-me a oportunidade de retomar um problema, ou problemas, sem outro intuito a não ser a reflexão em comum. E, eventualmente, o encaminhamento de sugestões e troca de idéias. A tônica deste nosso diálogo está diluída numa conjuntura mais expressiva, a do descobrimento do Brasil. E sua ligação à Brasília determinou a nossa opção. Pois lá se encontra uma estatuária imaginária de Nossa Senhora, sob a invocação da “Esperança”, identificada como réplica de uma imagem que teria acompanhado a esquadra cabralina, na viagem do descobrimento de nossa terra. O original, segundo consta, está na Igreja de Sant’Iago da vila portuguesa de Belmonte e parece mesmo, inamovível. No entanto foi examinado, documentado, fotografado até mesmo por professores que se encontram neste conclave. Caber-lhes-á informar se há semelhança com a imagem que está em Brasília, sob a custódia dos padres capuchinhos. Há outra curiosidade a nos preocupar:

— Da esquadra que zarpou do Tejo aos 9 dias de março de 1500 e regressou aos 23 de junho de 1501 teria participado, dentre outras, uma imagem de Nossa Senhora da Esperança?

— Em caso afirmativo, há indício de haver sido a mesma peça sacra, acima mencionada?

— Inquietação que eu desejaria compartilhar convosco. Não somente na montagem de um eventual esquema elucidativo. Que

(*) . — Comunicação apresentada ao I Congresso de Geografia e História patrocinado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (Brasília, 26-28 de outubro de 1967). (Nota da Redação).

teria como ponto de partida pesquisas arquivais onde, possivelmente, tôda essa documentação estaria sedimentada. Ou na compreensão de textos de época contemporânea. E eventualmente assim teríamos argumentos positivos no sentido de uma melhor e mais efetiva aproximação da verdade histórica.

Abordaremos o problema da imagem de Nossa Senhora da Esperança nos itens que se seguem:

- 1º). — Na inauguração de Brasília (21-4-1960).
- 2º). — A réplica enviada (27-4-1962).
- 3º). — Dois grupos de opiniões.

*

1. — Na inauguração de Brasília.

Para a festa da inauguração (21 de abril de 1960), o então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira enviou, ao que se saiba, três convites especiais: um para S. Santidade o Papa Pio XII, outro para o Secretário-Geral da ONU e o terceiro para a imagem de Nossa Senhora da Esperança, venerada em Belmonte que, como é óbvio seria transportada pelos descendentes de Pedro Álvares Cabral. Dias antes da data marcada, a imprensa foi obrigada a desmentir a vinda da imagem, publicando o seguinte telegrama:

“Lisboa, 8 (AFP) — A imagem de Nossa Senhora da Esperança que acompanhou Pedro Álvares Cabral, não irá amanhã para o Brasil, contrariamente a notícias publicadas no Rio de Janeiro. Não foi possível demover os habitantes de Belmonte (Distrito de Castelo Branco) onde se encontra a veneranda imagem, da sua tradicional oposição à saída para fora da terra. “Quem quizer vê-la ou venerá-la dizem, venha à Belmonte”. E velam-na ciosamente dia e noite (1).

Hoje compreende-se e admira-se a atitude dos belmonteses que, “armados até os dentes”, enfrentando ordens dos escalões superiores, conseguiram consolidar *per omnia saeculorum*, uma das suas mais arraigadas tradições.

Assim foi que Brasília, a capital da esperança, não teve em sua festa inaugural, a presença da histórica imagem de Nossa Senhora da Esperança. Dois anos depois recebeu uma réplica, ou espécie de réplica (2).

(1). — Da notícia d'O *Estado de São Paulo*, edição de sábado, 9 de abril de 1960, (“Não virá a imagem de Nossa Senhora da Esperança”).

(2). — Ferreira (Evaldo Dantas), *Nossa Senhora da Esperança ficará em Portugal*, in “Fôlha de São Paulo”, edição de sexta-feira, 18 de maio de 1962. 1ª página do 2º caderno (Fôlha Ilustrada).

As origens do movimento de retôrno.

Ao que se sabe, sòmente um número limitado de historiadores (3) havia feito referências à imagem de Nossa Senhora da Esperança na nau capitânea de Cabral.

No entanto, o ponto de partida do fracassado movimento de retôrno ao Brasil foi uma pesquisa sôbre engenhos de açúcar, nos arquivos paroquiais da Freguesia do Ó (4), nesta Capital.

A sintonização das invocações não implica homogeneidade nas representações: em se tratando de estatuária imaginária há, como é óbvio, diversificação de atributos, mesmo os fundamentais.

Entretanto foi uma estampa com legenda, encontrada casualmente, que provocou as primeiras indicações, principiadas por uma sugestão do Prof. Sérgio Buarque de Holanda, no sentido de um pronunciamento do erudito monge beneditino, Dom Clemente Maria da Silva-Nigra. A consulta foi enviada para Dom Clemente em Lisboa, quando da sua participação no I Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Entusiasmado com a idéia, o diretor e criador do Museu de Arte Sacra da Bahia foi, com grande sacrifício à Belmonte onde, com a competência que o individualiza, analisou, documentou e autenticou a imagem quinhentista, custodiada na Igreja de Sant'Iago. Em Lisboa manteve contactos com Jaime Cortezão e, por intermédio de seus amigos, os Viscondes da Figueira, dialogou com o cronista da família Cabral, que é também banqueiro — Dom Vasco Manuel Cabral da Câmara. Oportunidade em que verificou o seguinte:

“A família de Cabral ainda conserva diversos documentos, que provam a alegação acima, e que se encontram no arquivo da família, representada por Dom Vasco Maria Figueiredo Cabral da Câmara, chefe dos senhores de Belmonte” (5).

- (3). — Sá (Ayes de), *Frei Gonçalo Velho*. Lisboa. Imprensa Nacional, 1903. Vol. II, págs. 488-489 (Documento DCCIII).
Cortezão (Jaime), *A expedição de Pedro Alvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*. 1922. pág. 191.
Idem, *A esquadra de Cabral*, in “História da Colonização Portuguesa no Brasil” (direção de Damião Peres). Pôrto. MCMXXIV, vol. II, pág. 25.
Herstal (G.). — *Imagens Religiosas do Brasil (Religious Images of Brazil)*. São Paulo, 1956 (in Prefácio).
- (4). — Justifica-se lembrar que Nossa Senhora da Esperança é também chamada de Nossa Senhora do O'. Invocação surgida em decorrência das antífonas alusivas a Nosso Senhor, cantadas na novena da semana que antecede o Natal. Antífonas que começam pela letra O' (O' Sapientiae, O' Aponai. O' Radix, O' Claves, O' Orens, O' Rex, O' Emmanuel). Essas antífonas constituem um preparo para a festa da Expectação do Parto da Santíssima Virgem, que no calendário litúrgico é celebrada no dia 18 de dezembro. Apud Gueranger (R. P. Dom Prosper), *L'Année Liturgique*. Tours. 1920. Vingtième édition. Tome I — *L'Advent*, pág. 572 (“L'expectation de l'enfantement de la Sainte Vierge”).
- (5). — Trecho de um postal enviado à Autora.

Comprovando o texto acima, enviou-me uma cópia datilografada do Documento DCCIII (6), que lhe foi oferecida pelo cronista da família Cabral.

*

Assim pudemos redigir um artigo, cuja publicação (7) provocou uma onda de opiniões diversificadas. Destacamos apenas duas:

— Uma, captada pela invulgar sensibilidade do saudoso maestro Vila Lobos que nos disse da sua idéia de escrever uma sinfonia para Brasília: do topo da nau capitânea, a Esperança que é canção, estaria guiando a esquadra, sob o compasso das ondas, até a apoteose de um altar fincado na terra virgem de um “pôrto seguro”!

— Outra do Cardeal Dom Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, em entrevista concedida à Gazeta (8), além de apoiar a idéia de um retôrno da imagem ao Brasil ou para o Brasil, declarou o propósito de levar o problema à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de que era o presidente, com reunião marcada para a última semana de julho de 1958. Ainda valeu-se da oportunidade para esclarecer o culto que os católicos prestam a Nossa Senhora sob todos os seus títulos, dentre outros, o de Nossa Senhora da Esperança, Nossa Senhora da Piedade, que representada também num painel, veio na esquadra descobridora — informação baseada no Prof. Vilhema de Moraes, então diretor do Arquivo Nacional — e Nossa Senhora da Aparecida, a padroeira do Brasil.

*

Aos 63 bispos, 11 arcebispos e 3 cardeais reunidos em Goiânia, foi entregue tanto o histórico da pesquisa, como uma cópia do postal de Nossa Senhora da Esperança, enviado por Dom Clemente Maria da Silva-Nigra. Quanto aos pronunciamentos, ouçamos o então arcebispo de Niterói, que informou:

“A C.N.B.B. tomou conhecimento e dá todo apóio ao movimento de redescoberta da Virgem da Esperança, que em tôda verdade não é outra que a Virgem do Brasil. Todavia, os problemas atinentes a um possível retôrno ao Brasil, não poderiam, naquela assembléia, ser estudados com os detalhes requeridos.

(6). — Documento DCCIII, já citado.

(7). — Rodrigues (Maria Regina da Cunha), *Nossa Senhora da Esperança. Localizada a Imagem que acompanhou a esquadra cabralina*, in “A Gazeta”, sábado, edição de 2 de janeiro de 1958, 1ª página do 2º caderno.

(8). — Palavras do Cardeal Dom Carlos Carmelo sobre a “Imagem que acompanhou a esquadra cabralina”, in “A Gazeta”, segunda-feira, 13 de janeiro de 1958, pág. 7.

Decidiu-se credenciar para o planejamento necessário a Comissão de Educação e Cultura, para a qual foram eleitos três membros: o Exm^o Sr. Dom Antônio Maria Alves Siqueira, Arcebispo Auxiliar de São Paulo, Dom João J. de M. Albuquerque, Bispo de Afogados do Ingazeiro e o Bispo de Niterói. Comissão que ainda não está instalada, porquanto foi criada muito recentemente” (9).

Sabe-se que em janeiro do ano seguinte, essa e outras comissões da C.N.B.B. reuniram-se na Igreja de Nossa Senhora da Paz, no Rio de Janeiro. Mas o problema acima referido não foi abordado. — Por que?

Esclarece-se que na oportunidade de uma viagem à Europa, do Arcebispo do Maranhão, pediu-se-lhe que em Portugal, procurasse auscultar, oficiosamente, a posição do bispo da Guarda, sobre o retorno da imagem. Este, além de entrincheirar-se na recusa, chegou até a ficar doente. E a Igreja, através da C.N.B.B., de acordo com a sua multi-secular prudência, pareceu haver relegado a idéia às calendas gregas. Fato que não impediu uma outra abertura. Sugerida por Dom Carlos Coelho, um dos maiores entusiastas da idéia, ao lado, ao que se saiba, de Dom José Newton de Almeida, então bispo de Diamantina que, ao entregar ao presidente Juscelino Kubiteschek, o postal de Nossa Senhora da Esperança, argumentou: “Senhor Presidente, no Palácio da Alvorada, eu lhe entrego a Alvorada do Brasil”. Ainda Dom Agnello Rossi — que segundo se constatou recentemente, guarda o postal de Nossa Senhora da Esperança, entre as páginas do seu próprio breviário — então bispo de Barra do Piraí, Dom Júlio Matiol, bispo do Acre que nos escreveu mais de uma vez sobre o andamento da idéia e Dom Antônio Fragoso, então bispo auxiliar do Maranhão, que, ao que sabe, foi o primeiro a divulgar a intercessão de Nossa Senhora da Esperança em suas andanças missionárias. Dom Carlos argumentando que a Marinha Brasileira tem suas raízes na Marinha Portuguesa e, de maneira mais incisiva, que era a própria Marinha Portuguesa transplantada para o Brasil onde ficou e permaneceu em grande parte, mesmo depois do regresso da côrte joanina. Que a esquadra brasileira têm, entre seus gloriosos ascendentes, a própria esquadra cabralina, — caber-lhe-ia reivindicar uma prioridade e, ao mesmo tempo, patrocinar uma idéia de base inegavelmente patriótica e popular: — o retorno ao Brasil ou para o Brasil da imagem que abençoou o seu batismo, por ocasião da inauguração de Brasília, considerada o “redescobrimto do Brasil”.

(9) . — *Conferência Nacional dos Bispos. São Paulo nos reconcilia com o Brasil. Em torno de Nossa Senhora da Esperança da esquadra cabralina. Fala-nos Dom Carlos Gouvêia Coelho, bispo de Niterói e presidente da Comissão de Educação e Cultura da CNBB, in “Gazeta”, edição de segunda-feira, 25 de agosto de 1958, pág. 22.*

Cumprir tornar bem claro que o grande bispo que hoje é uma grande saudade (10), não se limitou a sugerir, êle próprio armou um esquema positivo, graças aos bons ofícios de um de seus irmãos, então na chefia do gabinete do Ministro da Justiça. Entusiasticamente receptível à idéia, o Almirante Matoso Maia, então Ministro da Marinha, levou o problema ao Presidente da República e deu ordens ao Serviço de Relações Públicas do seu gabinete, no sentido das providências necessárias.

A idéia, impulsionada pela Marinha de Guerra, chegou a contagiar quase todo o Brasil. Nessa promoção um destaque se justifica. Ou melhor diríamos, a identificação de um anônimo (N.C.), sigla que pouca gente sabe tratar-se de *Notícias Católicas* — Serviço Mundial de Imprensa que, no Brasil é movimentado apenas por uma mulher que, sôzinha, vale por uma instituição: d. Alice Gérin Isnard Távora (11).

*

Lamentavelmente o movimento não teve um resultado positivo pelas razões expostas. Mas, dois anos depois, nos enviaram uma espécie de réplica da imagem, esquecidos, no entanto, de que somente uma emoção autêntica tem condições de despertar uma outra emoção autêntica.

Perguntar-se-lhe-ia se, do ponto de vista histórico, é válida a imagem de Nossa Senhora da Esperança que chegou à capital brasileira no dia 27 de abril de 1960 (12) e esteve em exposição no aeroporto local e em seguida foi entronisada na Igreja de Nossa Senhora de Fátima? Consta ser hoje ela custodiada pelos padres Capuchinhos, enquanto aguarda a construção de uma igreja própria.

A resposta exige alguns elementos elucidativos. Ei-los: tenho sob as mãos, instantâneos tirados e adquiridos por professôres aqui presentes que, recentemente reverenciaram a imagem em Belmonte e que poderiam prestar depoimento. Observando as fotografias, verifica-se a procedência das linhas gerais focadas por Dom Clemente Maria da Silva-Nigra OSB. Trata-se realmente de uma estatuária imaginária, quinhentista, esculpida em pedra de Ançã — encontrada na região — de 1,10 de altura. Ela

(10). — Dom Carlos Coelho de Gouvêla que nasceu em João Pessoa a 28 de dezembro de 1907, lamentavelmente faleceu no leme da Arquidiocese de Olinda e Recife a 7 de março de 1964.

(11). — Mesmo contrariando-a, neste momento revela-se o nome e o trabalho que desenvolve à Avenida Rio Branco, 9, sala 272 (Tel. 23-4686) End. Tel. "D:ansi — Rio". Brasil.

(12). — Clichê-legenda do *Diário de São Paulo*, edição de 28 de abril de 1960:

é inteiramente revestida de uma pintura policromada, em que predominam as côres blau, ouro e sinople. Poder-se-ia —, graças a recursos técnicos modernos, testar a época dêsse revestimento, que parece muito antigo pois, ao que se sabe, era tradição da época policromar as imagens vinculadas ao culto católico, a fim de diferenciá-las das estatuas da época greco-romana. No braço esquerdo carrega o seu Menino, que tem um esplendor na cabeça. Pousando sôbre o braço direito está a pomba que, desde o episódio da Arca de Noé, parece ser também a representação teológica da esperança. Pode-se notar o símbolo da realeza daquela que, para os católicos, é a rainha do céu e da terra, representando pela corôa que, na opinião do Dr. Antônio Augusto Meneses de Drummond, autoridade em Heráldica, é uma corôa bragantina, tipicamente pela forma fechada de quatro arcos imperiais, muito antiga, pois remonta à dinastia de Aviz. Quanto a uma análise mais profunda, aconselhar-se-ia que se recorresse aos especialistas credenciados. Ainda uma observação: não nos foi possível, por ora, ilustrar estas notas com a documentação iconográfica obtida pelo diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, lacuna que se procuraria preencher numa eventual publicação.

Segundo a reprodução, em um clichê de jornal, da imagem trazida ao Brasil, podemos verificar haver sido ela esculpida em pedra de Ançã, mas sem cobertura policrômica e, parece-nos, sem outros ornamentos, como seja a corôa bragantina. Ignoramos os motivos que determinariam essa espécie de réplica. Permitam-nos confessar que não gostamos dela. Fria como o mármore, sem o complemento policromado e adornos, não nos desperta emoção de espécie alguma.

*

No início desta comunicação, propuzemo-nos a colocar alguns problemas para a reflexão em comum. E sugestões que os senhores poderiam aceitar ou recusar. Seja a de encomendar a um escultor português uma réplica que seja fiel e completa, da imagem de Nossa Senhora da Esperança, de Belmonte, que é tanto dêles como nossa. O monge beneditino já citado, dada a situação, hoje aceita pacificamente, sugeriu que se obtivesse concessão da família Cabral para uma reprodução fac-similar que, segundo lembra, “poderia ser feita pelo hábil escultor Diogo de Macedo, atual (falava em 1958) Diretor do Museu de Arte Moderna” (de Lisboa). Seria uma bela iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, as providências relativas a uma cópia dessa imagem da esquadra cabralina, para a sua sede ou para a cidade de Brasília. Uma outra ponderação.

Justamente agora que o Concílio Ecumênico vem de dar diretrizes quanto a presença das imagens nas Igrejas. Como se sabe, o Con-

cílio Vaticano II, logo de início, relembrou o sentido da devoção aos santos no Catolicismo. Especificamente quanto ao culto à Virgem Maria, esclareceu que o seu fundamento é a fé. Pois argumentou, o culto deve ter Cristo no centro, as principais festas são as festas cristológicas. Quanto à celebração dos santos, determina-se sejam feitas com muita moderação. O uso das imagens, recomenda-se seja dos mais discretos pois, a fim de não desorientar os fiéis, não deve haver profusão de imagens nas Igrejas (13). Determinações prudentes a facultar uma abolição gradativa mormente nos edifícios religiosos a serem construídos, por quanto não se ignora que nos monumentos religiosos tombados, ou melhor, nos edifícios religiosos católicos, as imagens fazem parte do conjunto arquitetônico. Perguntar-se-ia da oportunidade de uma iniciativa pioneira, em que a imagem de Nossa Senhora da Esperança seria visualizada, reverenciada precipuamente pelo valor histórico, num clima histórico seja no Instituto Histórico e Geográfico nesta Capital ou em outra instituição cultural congênera.

*

Opiniões contraditórias.

Não há e nem mesmo poderia haver unanimidade de opiniões, quanto a presença de Nossa Senhora da Esperança na esquadra cabralina. Pois, enquanto não for vistoriado tanto o acervo documental dos descendentes de Cabral, como os documentos eventualmente existentes em arquivos públicos, tanto de Portugal, como da Índia (14), a problemática permanece de pé. Por ora, poder-se-ia registrar opiniões, ou melhor, crenças que, paradoxalmente recorrem, dentre outros a um mesmo argumento para justificar posições contraditórias.

“... Francisco Cabral, 5º sobrinho de Pedro Álvares Cabral, o Descobridor do Brasil, e herdeiro da Caza de Belmonte, por morte de seus irmãos Fernão, Luiz e outros, instituiu uma Capela com a pensão de um Cirio para alumiar quotidianamente a Imagem de Nossa Senhora da Esperança que ha, no Convento dos Padres Terceiros, junto de Belmonte”.

Esta Imagem de Nossa Senhora da Esperança (que ainda hoje existe, acompanhou Pedro Álvares Cabral na sua viagem à Índia e Descoberta do Brazil), o qual, na volta de Belmonte, lhe erigiu alli,

- (13). — Da Constituição dogmática sobre Litúrgia. 1ª parte, 1º documento publicado em 1963. Concílio Vaticano II (Ecumênico XX) (1962-1965).
- (14). — Keswani (Miss D. C.), *Sociedades e Companhias de Comércio no Oriente. As fontes arquivísticas orientais* (Comunicação apresentada à II secção do VIII Congresso Internacional de História Marítima, realizado em Beirute de 5 a 10 de setembro de 1966) (publicada na Revista de História nº 72, outubro-dezembro de 1967).

uma Quinta, uma ermida, a cuidado dos Franciscanos, ermida que ficou na posse de seus sobrinhos, Fernão Cabral, Senhor de Belmonte e de seus descendentes que a augmentaram e lhe consignaram rendimentos.

Segundo bem certo que, se Pedro Álvares Cabral continuasse em sua filiação, Caza e Varonia, a esse nomearia Administradora d'aquella Capella; e d'uma Imagem que elle tanto venerava e que, no seu titulo por elle dado, mostrava bem o animo, esforço e alento com que elle acatara o commando d'aquella segunda expedição à Índia (Do Documento DCCIII, extrahido do Tombo da Exm.^a Caza de Belmonte. N.º 6 a fls. 89) (15).

*

Parece ponto pacífico que uma primeira interpretação do trecho acima estaria a exigir do historiador, além de uma abordagem crítica do documento, a necessidade de recorrer de início a duas disciplinas auxiliares da História: a Genealogia e a Heráldica.

Considerando que uma biografia de Pedro Álvares Cabral não é o objetivo destas notas, valemo-nos da oportunidade para indicar, dentre outras, algumas fontes (16) e, ao mesmo tempo, sugerir, a quem de direito, uma campanha de esclarecimento a respeito do nosso descobridor. Que se faça uma campanha cabralina devidamente planejada: com concursos de biografias, abertos a todos os estudantes; de comemorações, inclusive do dia 22 de abril, pois o Brasil é, ao que se sabe, um dos poucos países que tem uma autêntica "certidão de nascimento".

Considerando que os argumentos negativos que temos em mãos são muito precários, pelo fato de se tratar de uma única fonte impressa, sem autoria declarada e, portanto, inexistindo clima propício a um eventual diálogo. Além disso os argumentos apresentados para recusar a probabilidade de vinda da imagem, salvo melhor justificativa, parecem-nos muito frágeis. Dentre outros, apresentamos o seguinte:

- (15). — Cópia de parte dos apontamentos apresentados a Dom Clemente-Maria da Silva-Negra OSB, pelo Sr. Dom Vasco Manuel Cabral da Câmara, cronista da familia Cabral, Senhores de Belmonte, em Lisboa, a 11 de junho de 1958. O documento DCIII, está transcrito na íntegra in Ayres de Sá, *Frei Gonçalo Velho*. Lisboa. vol. II (págs. (488-489). 1900. (Quarto Centenário do Descobrimento da Índia. Contribuições da Sociedade de Geografia de Lisboa).
- (16). — Baena (Visconde de Sanches de), *O descobridor do Brasil. Pedro Alvares Cabral*. Lisboa 1896. Mem. da Academia Real das Sciencias de Lisboa. 2.ª classe. T. VIII. P. II.
 - Mardel (Júlio), *Pedro Alvares Cabral*, in "Revista Brasil-Portugal". Número extraordinário comemorativo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil (Revista quinzenal. Diretores: Augusto de Castilho, Joaquim Victor e L. Tavares). Lisboa, janeiro de 1900.
 - Clode (Luiz Peter), *Genealogias da Ilha da Madeira. — Cabrats*. Funchal, 1963.

“... para apurar a verdade, a primeira consulta foi a documentação existente sobre o Descobrimento do Brasil. Mas nem a Relação do Pilôto Anônimo, nem a carta de Mestre João; nem mesmo e sobretudo, a carta de Pero Vaz de Caminha (a mais minuciosa) fazem a mínima referência à presença da citada imagem;

— não há referência clara, na melhor historiografia brasileira (Varnhagen, Capistrano, Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Hélio Vianna). Dos bons trabalhos portugueses nenhuma alusão em Damião Peres e Duarte Leite. Mas, uma citação no trabalho de Jaime Cortesão, chancelada por Lopes de Mendonça.

— dos autores lusos, últimos, a remissão é para o monumental trabalho de Aires de Sá. Nesta fartíssima documentação genealógica sobre os Cabrais, deixa logo a segurança de que Pedro Álvares Cabral, nem foi senhor de Azurara, nem alcaide-mor de Belmonte”

— Quanto a documentação arrolada na base do Tomo da Casa de Belmonte revela o seguinte...” (17).

E a notícia transcreve o trecho do documento DCIII já reproduzido.

Justifica-se lembrar, à título de informação, que a disciplina de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sob a regência do Prof. Joaquim Barradas de Carvalho, está dirigindo um seminário de textos sobre: “O Descobrimento do Brasil, através dos textos (Edições críticas e comentadas)”, cujos primeiros capítulos já foram publicados em periódico especializado (18). E trata-se das três fontes mencionadas. E’ correta a informação de que não mencionam a imagem. Mas também não se lhe encontra mencionado, sequer uma vez, o próprio Cabral! Ainda das 1200 pessoas, aproximadamente, que compunham a equipagem da esquadra, somente umas 12 ou 13 são identificadas por Caminha.

(17). — *A Tarde*, Cidade do Salvador, Bahia, 9 de junho de 1962.

(18). — Carvalho (Joaquim Barradas de), *O descobrimento do Brasil através dos textos (edições críticas e comentadas)*. 1 — A “carta” de Pero Vaz de Caminha. 1. *A literatura portuguesa de viagens na época dos Descobrimientos*, in “Revista de História”. São Paulo. Nº 65. págs. 197-208. 1966.

— Camargo (Ana Maria de Almeida), *O descobrimento do Brasil através dos textos (edições críticas e comentadas)*. 1. — A “carta” de Pero Vaz de Caminha. 2. — *Pero Vaz de Caminha*, in “Revista de História”. São Paulo. Nº 66. págs. 495-529. 1966.

— Contier (Armando), *O descobrimento do Brasil através dos textos (edições críticas e comentadas)*. 1. — A “carta” de Pero Vaz de Caminha. 2. — *O manuscrito: edições e traduções*, in “Revista de História”. São Paulo. Nº 67. págs. 209-214. 1966.

— Glezer (Raquel), *O descobrimento do Brasil através dos textos (edições críticas e comentadas)*. V. *Documentos complementares*. 1. — *Borrão original da primeira jôlha de instruções de Vasco da Gama para a viagem de Pedro Álvares Cabral*, in “Revista de História”, São Paulo. Nº 68. págs. 4811-488. 1966.

Quanto ao balisamento dos historiadores brasileiros e portugueses, salvo melhor juízo, a sensação que nos transmite é de descrença, de desânimo. Se tudo já está feito, não se justificaria a retomada de problemas, o entusiasmo pela pesquisa. Ora, formamos ao lado daqueles que compreendem que o “passado não se modifica, mas o conhecimento do passado pode ser aperfeiçoado”, graças aos recursos do método e das técnicas modernas aplicadas à História.

E é por uma questão de método que se poderia admitir dois grupos de opiniões, com a devida vênia dos historiadores que citaremos a seguir:

— 1º grupo, das possibilidades positivas, que se teria iniciado com a proposição de *Dom Clemente Maria da Silva-Negra OSB*, que é ex-funcionário do DPHAN-MEC — (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério de Educação e Cultura) e diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, grupo ao qual gostosamente nos filiamos.

— 2º grupo, das possibilidades negativas, que teria a liderança do historiador *Luiz Monteiro da Costa*, ex-professor da Faculdade Católica de Filosofia da Bahia e catedrático do IEIA. Professor que de acôrdo com a notícia do periódico citado, foi o autor da comunicação, cujo teor exato ignoramos. A mesma nota informa que a conferência realizou-se na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia e que “discutiram o trabalho os professores Afonso Ruy, Luiz Henrique, Oscar Hilário, Joildo Ataíde e os alunos do Curso de História, concluindo que mesmo como “trabalho prévio” deveria o expositor publicar, reabrindo-se os debates depois das respostas dos historiadores portugueses, mais interessados na verdade histórica”.

Posteriormente a historiadora Marieta Alves disse-nos que a conferência fôra realizada no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Que o assunto fôra encerrado e que ela própria, em face dos argumentos apresentados, filiava-se à tese negativa.

A premência de tempo, de um lado, ocupações muito absorventes, de outro, não nos permitiram uma investigação mais aprofundada. Nestas condições, aproveitando a circunstância desta reunião, propomos, com a devida vênia, o seguinte:

1º). — Encaminhar ofício tanto ao Instituto Histórico Geográfico da Bahia, como à Faculdade Católica da Bahia e especialmente ao Prof. Luiz Monteiro da Costa, solicitando informações quanto à publicação, ou mesmo cópia da conferência ou das conferências em que haja abordado a problemática da vinda da imagem.

2º). — Simultâneamente, promover gestões junto à família Cabral em Lisboa, no sentido de ser obtido, com o auxílio de recursos técnicos, cópias fac-similares da documentação cabralina.

3º). — Quanto à investigação de maior amplitude recomenda-se que se solicitasse, também, os bons officios de uma das maiores historiadoras contemporâneas. Referimos-no a Dra. Virgínia Rau, diretora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

4º). — Em relação à imagem, recomendar-se-ia que, após o resultado das sugestões acima enumeradas, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal estruturasse uma promoção de alto nível para numa mesa redonda, resolver-se, em definitivo, o assunto.

*

E' na esperança do equacionamento positivo do problema exposto de início que encerramos estas notas de um trabalho ainda incompleto.

*

* * *

APÊNDICE

DOCUMENTO DCCIII.

(19) Quinta d'Otta, 9 de agôsto de 1898. — Reparo a um ponto da copia de fls. 89 citado Tombo.

Na descripção dos encargos e despeza d'estes Morgados "Belmonte" ha "uma pensão" pela qual claramente se deduz que a Caza e varonia de Pedro Álvares Cabral continuou, por morte de seus filhos, no ramo directo de seu sobrinho Fernão Cabral, d'onde procedem os actuais Cabraes, representados hoje pelo Snr. D. José Maria de Figueredo Cabral de Câmara, 4º Conde de Belmonte: "Francisco Cabral, 5º sobrinho de Pedro Álvares Cabral, o Descobridor do Brasil, e herdeiro da Caza de Belmonte, por morte de seus irmãos Fernão, Luiz e outros, instituiu uma Capella com a pensão de um Cirio para alumiar quotidianamente a Imagem de Nossa Senhora da Esperança que ha, no Convento dos Padres Terceiros, juncto de Belmonte".

Esta Imagem de Nossa Senhora da Esperança (que ainda hoje existe) acompanhou Pedro Álvares Cabral na sua viagem á Índia (e Descoberta do Brazil), o qual, na volta a Belmonte, lhe erigiu allí, em uma Quinta, uma ermida, a cuidado dos Franciscanos; ermida que ficou na posse de seu sobrinho, Fernão Cabral, Se-

(19). — Logar das armas mencionadas



Estatuária imaginária de Nossa Senhora da Esperança, que se encontra, inamovível, no altar de Sant'Iago, na vila portuguesa de Belmonte. Justifica-se a reprodução por se tratar de um documento histórico, quinhentista e que, segundo a tradição teria acompanhado a esquadra cabralina que zarpou do Tejo aos 9 de março de 1500, regressando aos 23 de junho de 1501.

nhor de Belmonte e de seus descendentes que a augmentaram e lhe consignaram rendimentos.

Sendo bem certo, se Pedro Álvares Cabral constituisse em sua filiação, Caza e Varonia, a essa nomearia Administradora d'aquella Capella; e d'uma Imagem que elle tanto venerava e que, no seu Titulo por elle dado, mostrava bem o animo, esforço e alento com que elle acceptára o commando d'aquella segunda expedição á Índia" (20).

(20). — Obrigados, como estamos, ao sr. conde de Belmonte, pela cortezia com que correspondeu ao nosso pedido, mandando tirar copias dos documentos do seu archivo, que interessam a este trabalho, devemos notar que tal argumento não basta e que, representando, o mesmo senhor, a família Cabral, o ramo de Pedro Alvares de Gouvêa ou Cabral, descobridos do Brazil, é representado pela casa Ponte de Lima, Castello Melhor, (Vid. doc. DCXXIV e DCXXV) com seis quebras de varonia até ao actual representante.

Notamos, a propósito, que as casas que hoje se intitulam representantes de João Gonçalves Zarco (Castello Melhor), de D. Vasco da Gama (Vidigueira), e de quase todos os homens mais famosos do século XV, perderam muitas vezes a varonia; também a casa Belmonte não tem a varonia Cabral.

SÁ (Ayres de). — *Frei Gonçalo Velho*. Vol. II. Lisboa, Imprensa Nacional (Quarto Centenário do Descobrimento da Índia — Contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa), — Documento DCCLIII, 488-489, 1900.